

Sua herança foi original  
e magnífica — assim como, em vida,  
ela sempre nos tinha guiado

# Um Legado de Bons Conselhos

SELWYN JAMES

**T**IA NELL (na verdade, tia-avó) era nossa mentora e nossa consciência. Rígida ou indulgente, crítica ou aprovativa, ela abriu caminho através de nossos corações, permeando nossa infância como uma crença inabalável. Durante alguns fins-de-semana por ano, todos nós (seus dezoito netos e sobrinhos-netos) éramos levados à sua presença, um de cada vez, na elegante mansão vitoriana na praia de Brighton.

Curvei-me ao seu fascínio no momento em que cruzei o seu portal. Alta e rotunda, vestida de seda vermelha, Tia Nell me cativou com o seu hálito de balas de hortelã e o aroma de seu rosto empoado; com a alegre formalidade de sua sala supermobiliada, em estilo vitoriano, marchetada de vermelho pelos vasos de gerânios em todas as mesas e prateleiras — uma extravagante

discordância que bem expressava sua personalidade; com os alegres saraus musicais, nos quais seus dois gatos persas miavam sobre o piano, enquanto eu cantava com um entusiasmo a que nunca tinha me permitido em casa; com o seu interminável suprimento de castanhas assadas no carvão e copos de limonada misturada com xerez.

Embora encantado pela perspectiva de uma visita, eu não conseguia esconder um pouco de apreensão. Sabia que Tia Nell me estudava com o seu olho-clínico, observando todas as minhas faltas para posterior anotação em seu imenso *Álbum de família* encadernado a couro. «Quando estiver comigo, seja você mesmo», disse ela, «e então veremos o que terá de ser feito.» Pois, esta era a missão de Tia Nell: dar bons exemplos que nos

ajudassem decididamente a vencer todas as nossas fraquezas pessoais.

Meu primeiro fim-de-semana começou desastrosamente. Ela me apanhou em seu Daimler, uma luxuosa limusine que tinha um aparelho especialmente intrigante para um menino de cinco anos: o tubo por onde dava instruções ao motorista. Seu potencial mágico parecia infinito, e, quase no fim da viagem, impulsivamente, agarrei o tubo e soprei. Alertado pelo ruído, o motorista atendeu, e eu dei um berro ensurdecedor bem no ouvido do pobre-diabo. Fascinado, vi-o ser sacudido pelo som, como se tivesse sido atingido na cabeça por um malho.

Calmamente, Tia Nell tomou-me o tubo das mãos e disse, com voz seca, ao motorista: «Peço perdão pelo abominável comportamento de meu sobrinho. Como talvez ele esteja aborrecido com minha companhia, vou sair e caminhar.»

E foi o que ela fez, nos últimos 500 metros ou pouco mais, com a limusine acompanhando lentamente o seu passo de bengala. Nem uma vez ela tomou conhecimento de minhas desculpas, murmuradas através da janela aberta, o que me fez sentir mais envergonhado do que se ela tivesse me obrigado a andar. Mais tarde, quando nos sentamos para a ceia, apertou-me gentilmente a mão. «Quando ferimos alguém, não podemos fazer nada, exceto ferir a nós mesmos», disse ela, judiciosamente. «Vale a pena se lembrar disso, não?»

A atitude de nossos pais em relação a Tia Nell variava de uma tolerância divertida de suas maneiras até um aberto espanto com sua considerável fortuna. E, no entanto, suspeito de que o que mais os impressionava era a sua habilidade em perceber os pontos fortes e fracos de seus filhos, melhor até do que eles próprios. Nada parecia escapar à sua atenção, tivesse ou não importância. Depois de minha quarta visita, ela escreveu em seu *Album de família*: «Um viva para as boas maneiras de Selwin durante os passeios! Ele já não acha divertido chutar o estrume de animais nas ruas.» Mas ela também podia ser dura. A uma tia minha, observou certa vez: «A causa da obesidade de seu filho é um desordenado apreço por purê de batatas. Suprimi este prato de sua alimentação. Talvez uma afeição paterna de natureza mais direta seja um bom substituto para o exagero de comida que lhe estão dando.»

Quando Tia Nell nos punha à prova, raramente deixava de nos desconcertar. «Deixe-me contar-lhe uma história», dizia ela, e começava a tecer uma narrativa que nos fazia revelar nossa ética, honestidade ou inteligência. «Era uma vez um motorista de caminhão», começou ela numa manhã de inverno, «barbado, sujo e grosseiro. Estava guiando muito depressa, cantando estridentemente uma canção popular. Enfim, um tipo de pessoa que você *jamais* poderia encontrar em minha sala...»

De repente, Tia Nell deu à sua história uma enigmática direção: «Na estrada, havia um cãozinho — abandonado, medroso e faminto. Que fez o motorista? Parou, apanhou-o e voltou ao volante, com o cãozinho dormindo em seu colo.» Quando a história terminou, Tia Nell me olhou com expectativa. A moral da história me escapava, até que finalmente a compreendi, e exclamei triunfante: «Bem, ele era um bom sujeito, apesar de tudo!»

Tia Nell sorriu. «Não devemos julgar só pelas aparências, não é? O que as pessoas *fazem* é o que importa.»

Tia Nell só foi a nossa casa uma vez — quando meu pai morreu. Minha mãe, em prantos, tinha se trancado no quarto. Entregues à própria dor, meu irmão, minha irmã e eu vagávamos sem destino pela casa — até que, certa tarde, Tia Nell nos apanhou em seu Daimler.

Com um olhar sereno pela tristeza e desolação do ambiente, ela distribuiu bons exemplos para todos os lados. Cozinhou, limpou a casa, obrigou-nos a arrumar os quartos, aprontou-nos para a escola, de manhã, e nos recebeu calorosamente na volta. Seu espírito contagiante logo restituiu razão de ser às nossas vidas.

À minha mãe, inconsolável, ela não ofereceu piedade, mas sabedoria. Viúva aos 27 anos, Tia Nell tinha criado três filhos na maior pobreza, até que as pros-

peções de seu marido nas minas africanas começaram a produzir os rendimentos que a tornaram rica.

Movimentando-se pela casa, Tia Nell falava incessantemente a mamãe sobre a morte do seu marido e dos problemas com os filhos — como se revivesse sua grande perda e o desafio proposto pelas conseqüências. Seu objetivo brilhava sob tanta sutileza. Tentava fazer com que mamãe se identificasse com sua aflição, e reconhecesse suas obrigações para conosco. Durante duas semanas, Tia Nell desempenhou este papel, até que, afinal, aprendendo o seu bom exemplo, mamãe se recompôs.

Aos 87 anos, Tia Nell se retirou, numa «semi-aposentadoria», e nossas visitas foram substituídas por uma prolífica correspondência. Perguntava sempre sobre nossas ambições, pedindo tantos detalhes que, quando os fornecíamos, essas ambições ganhavam uma nova perspectiva que podíamos estudar — o que, acredito, era a intenção de Tia Nell.

Quanto mais velha ficava, mais declinava sua saúde e, também, sua fortuna. Vendeu o Daimler, aposentou todos os empregados, menos um, e dividiu a maior parte de sua casa em apartamentos. Quando a visitei, algumas semanas antes de morrer, sua mente parecia tão lúcida como sempre, embora algumas vezes ela caísse em profundo silêncio, com um misterioso sorriso nos lábios, como se esti-

vesse preocupada com algum importante segredo que não queria contar.

Só um mês depois do funeral ficamos sabendo que Tia Nell, de fato, tinha um segredo. Convocados para a leitura de seu testamento, num tabelião de Londres, quase todos os membros das sete famílias estavam presentes. Nós, crianças, ainda tristes com sua morte, estávamos quietos; mas nossos pais, ansiosos por saber quanto Tia Nell lhes tinha deixado, estavam inquietos como crianças.

Depois de anunciar alguns pequenos legados, o tabelião fez uma pausa, limpou estudadamente os óculos, e disse, com voz embaraçada, que Tia Nell tinha redigido pessoalmente o resto do testamento. Nossos pais prenderam a respiração quando ele começou a ler. Tia Nell não nos tinha deixado dinheiro, propriedades ou bens móveis. Era um incrível e maravilhoso legado que marcaria nossas vidas, de modo a afetar alguns de nós até hoje.

Quase podíamos ouvir a voz firme e metálica de Tia Nell: «Parte da herança que me foi deixada por meu adorado marido devotei à pesquisa sobre os ancestrais de nossa família. É importante, meus filhos, que vocês conheçam sua hereditariedade, e dela tirem o melhor partido.»

Tia Nell tinha incumbido a Sociedade dos Genealogistas de reconstituir os troncos da família, os quais foram, em alguns casos, pesquisados até o século XIV.

Um ramo apontou o intrépido revolucionário medieval Wat Tyler como um ancestral direto. Os troncos eram explícitos na identificação de clérigos, guerreiros, senhores feudais, vários camponeses, engenheiros, um pajem de Oliver Cromwell, mercadores, navegadores e eruditos — quase todos com uma ou duas observações sobre suas características pessoais.

Qual era a verdadeira intenção de Tia Nell? Era tão clara como a surpresa em nossos rostos: na morte, como em vida, ela estava nos inspirando com bons exemplos. De forma fantástica, tinha relacionado cada um de nós com ancestrais de cujos talentos ou virtudes ela enxergava traços em nossas personalidades.

Meu irmão, de 17 anos, que passava o dia às voltas com o motor de sua motocicleta, foi relacionado com um carruageiro, cujo fino artesanato o tornou um mestre em seu ofício. Minha irmã, apaixonada pelo teatro, foi comparada com uma dedicada atriz que, certa vez, interpretou Shakespeare na corte de George IV, e que, por volta dos 70 anos, morreu em pleno palco. Minha prima Dorothy, que estudava física na Universidade de Londres, foi confrontada com Isaac Newton como sua inspiração ancestral. Primo Malcolm, cuja intuição pela matemática só era igualada pela sua paixão pelo mar, foi ligado a um armador de Portsmouth cujos navios tomaram parte na Batalha de Trafalgar.

Não pretendo dizer que todos nós correspondêssemos aos heróis e heroínas que Tia Nell nos escolheu. Mas, alguns, sem qualquer dúvida. Meu irmão, depois de anos indeciso, finalmente cursou engenharia, e hoje tem uma importante função numa refinaria de petróleo. Minha irmã se tornou atriz, viajando com uma companhia por toda a Comunidade Britânica, e nunca deixando de mencionar sua antepassada nas entrevistas aos jornais.

Prima Dorothy formou-se em física, e depois cumpriu (por procuração) as esperanças que Tia Nell nela depositava: casou-se com um dos principais físicos ingleses. Malcolm construiu barcos de pesca em Yarmouth e, durante a Segunda Guerra Mundial, morreu a bordo de um de seus navios, quando salvava soldados em Dunquerque.

O antepassado que Tia Nell me dedicou era um pregoeiro, epistológrafo e poeta bissexto, que viveu em Devonshire há quase 300 anos. «Ele buscou sua vocação durante 35 anos», dizia ela no testamento. «Quem sabe se o que ele se tornou não serão as oportunidades que brilham no futuro de Selwyn!»

Desde aquela ocasião memorável, escolhi meus próprios heróis, superei-os e descobri outros novos. Mas, na verdade, nenhum se compara ao meu ancestral de Devonshire, o qual quando trabalho, paira ao meu lado como uma sombra persistente, compelindo-me a desenterrar uma idéia oculta, ou dando-me um grama extra de esforço de que nunca pensei ser capaz. E, atrás de tudo isto, paira o melhor de todos os bons exemplos: a inesquecível figura de Tia Nell.



A UMA amiga que ensina escrita criativa na escola noturna, um dos alunos perguntou o que devia fazer para conseguir que o *Playboy* publicasse algum artigo seu.

«Você deve comprar vários números da revista e estudá-los a fundo, para ter uma idéia do que os editores realmente querem», aconselhou ela.

«A senhora se importa de escrever uma nota dizendo isso para que eu possa mostrá-la à minha mulher?»

— Alice Mulvery



O CONCERTO ia começar e as duas poltronas ao meu lado ainda estavam vazias. Depois da abertura, um casal idoso veio sentar-se nos lugares vazios. Quando o maestro começou a reger os primeiros acordes da *Terceira Sinfonia* de Beethoven, o senhor inclinou-se para mim e murmurou: «Desculpe-me, mas o que é que estão tocando?» Quando lhe respondi, ouvi-o depois comentar baixinho para a mulher: «Foi por sua culpa que chegamos atrasados. Já perdemos duas sinfonias.»

— E. B.